

## HERANÇA AFRICANA

Vó Beralda se levanta tarde com a lentidão própria dos muito idosos. Calada, arrasta os pés até o banheiro para a higiene matinal. Toma seu café e se dirige à roca centenária. À mão, a lã cardada com esmero vai sendo enrolada formando um fio para um grande novelo. Vó trabalha em silêncio. Às vezes murmura dezenas de palavras que não entendemos. Discorda, retruca, para, olha fixamente e repreende Deus sabe a quem. Vó caduca, mas trabalha. Na sala imensa, um tear antigo é usado pelas tecedeiras que fazem cobertas lindíssimas, com desenhos geométricos de cores vivas.

Quando se levanta da roca, adverte:

- Não bule, não, nego! Não bule, não, repete.

De vez em quando, os capetinhas desatam o novelo e embaraçam aquele infinito cordão de lã.

Beralda é a última escrava. Nem mais lembra a idade. Sabe que era mocinha em 1888, na proclamação da Lei Aurea. Quando meus tios se casaram, Vó foi dada de presente ao casal que se formava. Ela tinha sido a pajem de meu tio. Mucama da família, sempre nas fotos antigas, ajudou na criação da filharada. Uma vida inteira sem lembrar que a escravidão fora abolida em 1888.

O casarão é enorme. Os 28 cômodos abrigam uma família de 14 filhos. A senzala está em ruína. As paredes de pau-a-pique foram corroídas pelos anos. Três ou quatro esteios ainda lutam contra o tempo. O alpendre muito comprido é arrematado por uma capela com altar à Sagrada Família. Na outra ponta, uma escada dá acesso ao casarão e um sino é usado para anunciar a chegada de visitantes, para lembrar a hora do almoço ou para chamar a meninada. No porão da casa um engenho de açúcar movido a água abundante dorme o sono do abandono. As moendas descansam dos séculos de trabalho. Aquelas rodas dentadas, enormes, enchem meus olhos infantis. Imagino os escravos suados, usando aquelas roupas surradas, de algodão grosso, e o feitor, com um chicotão, dando ordens enérgicas e estalando a chibata. Um caudaloso rego d'água passa pelo moinho de pedra, onde se faz o fubá, preparado para alimentação dos porcos, e do qual também se cozinha o angu, tão característico da comida mineira.

Escravo come feijão com angu, que dá sustança para o trabalho diário. Não se conhece a farinha de trigo. As broas e os bolos de fubá saem daquela cozinha imensa para matar a fome da meninada, sempre esfomeada e encapetada. Lembro bem: na moega do moinho o artesão gravara a data, talvez, de sua construção: 1823. Minha imaginação voa tentando adivinhar as histórias vividas naquele lugar. O quintal tem não sei quantas jabuticabeiras centenárias. À beira d'água, as raízes das mangueiras se deixam banhar continuamente.

Tudo é fantástico e gigantesco para minhas dimensões infantis.

Somos uma dúzia de primos na escola improvisada na fazenda. Vivemos aqui, juntos. Uma sala enorme, um quadro negro, giz, e uma professora enérgica com uma vara de marmelo à mão.

- Vamos à tabuada: três vezes quatro ... doooze; três vezes ciinco...Alvimar, preste atenção!!

Estala a vara na grossa mesa de madeira.

A disciplina é exigida aos berros e a varadas.

- Menino tem que apanhar!

Entre os alunos, nenhum negro ou filho de criado. Educação é coisa de rico, de filho de senhor. Negro é para a enxada, para o trabalho bruto. Mesmo assim, os que têm pouco interesse logo cessam os estudos e vão para lida. Exigem-se apenas as primeiras letras. Ser analfabeto é regra. Seguir estudos, se formar, exceção. Mulher não precisa estudar muito. Pra quê? Mulher tem que cozinhar, tomar conta de casa e obedecer ao marido.

Terminadas as aulas, saímos correndo casa a fora. Como o piso é de tábuas largas, há aquele barulhão de crianças voando para o curral, no qual a carneirada adentra mansamente. E a gente logo se atira às ovelhas, cavalgando-as, atarracados à lã, como macacos. E rimos ao ser atirados ao chão sobre as bostas ainda frescas dos ovinos. Em poucos minutos estamos suados e imundos.

O rebanho fornece a lã, que é tosquiada, lavada, cardada, fiada e tingida para alimentar o tear.

- E o Revirado?

Reprodutor grandão, que bate forte, vindo de trás, em marradas espetaculares a quem se distrai dando-lhe as costas. E a gente acha ótimo quando ele pega um visitante distraído e desavisado.

Quando há festa de casamento, os brancos dançam na sala grande e os criados fazem sua própria dança, lá fora, na porta da cozinha, em um terreirão, ao som violas, sanfonas e cantadores.

A festa dos pretos é sempre mais alegre. Muitos a preferem.

Na escada que dá ao porão a meninada desliza corrimão a baixo, descendo em correria.

Meu tio é alto, magro, calmo, reflexivo, fala baixo, ao contrário de minha tia, baixinha, agitada e faladeira.

Neste ambiente, aprendi as primeiras letras, a tabuada e as quatro operações.

Este quadro natural serve de moldura à minha infância, povoada de imagens rurais que o tempo impiedosamente engoliu.

- Que herança nos deixou vó Beralda? Que influência tiveram os negros na formação mineira?

Não pretendo falar sobre a herança de sangue, tão óbvia e tão visível. Nem sobre a música afra, nem sobre a comida que nos deixaram.

Mas há uma herança escondida dentro de cada mineiro, ou brasileiro, se quiser, da qual temos pouca consciência. Venha comigo.

Gilberto Freyre nos ensina em Casa Grande, Senzala<sup>1</sup>:

“Todo brasileiro, mesmo o alvo, de cabelo louro, traz na alma, quando não na alma e no corpo (...), a sombra, ou pelo menos a pinta, do indígena ou do negro. No litoral, do Maranhão ao Rio Grande do Sul, e em Minas Gerais, principalmente do negro. A influência direta, ou vaga e remota, do africano. Na ternura, na mímica excessiva, no catolicismo em que se deliciam nossos sentidos, na música, no andar, na fala, no canto de ninar menino pequeno, em tudo que é expressão sincera da vida, trazemos quase todos a marca da influência negra. Da escrava ou sinhama que nos embalou. Que nos deu de mamar. Que nos deu de comer, ela própria amolengando na mão o bolão de comida. Da negra velha que nos contou as primeiras histórias de bicho e de mal-assombrado. Da mulata que nos tirou o primeiro bicho-de-pé de uma coceira tão boa.

---

<sup>1</sup> Gilberto Freyre, Casa-Grande & Senzala, José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1969, volume 2, p. 395.

Da que nos iniciou no amor físico e nos transmitiu, ao ranger da cama-de-vento, a primeira sensação completa de homem. Do moleque que foi o nosso primeiro companheiro de brinquedo.”

## **A INFORMALIDADE**

De 1981 a 1986 trabalhei no Iraque em uma grande empresa mineira de construção pesada. Na época, a maior do Brasil e uma das maiores do mundo. Tínhamos um diretor jurídico, português, muito experiente, culto, formal e elegante. Dr. Ruy dizia: o que mais me impressiona no Brasil é a informalidade. Ele repetia pronunciando vagarosamente cada sílaba: in-for-ma-li-da-de. Mas, os brasileiros não percebem isso.

Veja como somos informais.

Em 1958, na cerimônia de encerramento da COPA DO MUNDO Garrincha deu tapinhas nas costas de um respeitável senhor a seu lado, para espanto do cerimonial: era o Rei Gustavo, da Suécia. E o famoso ponta-direita nem se deu conta da gafe cometida.

Em 1994, no Palácio do Planalto, o Presidente Fernando Henrique recebeu a delegação brasileira que comemorava a conquista da COPA. A certa altura, Vampeta, embrulhado na bandeira nacional, ao lado do Presidente da República, deu uma cambalhota e rolou pelo chão, na maior naturalidade, como se estivesse no carnaval carioca. Veja bem: o local, o Presidente ... e a bandeira nacional. O gesto não poderia ter sido mais impróprio.

Recentemente, um bispo me contou aspectos de sua viagem ao Vaticano, em visita ao Papa Francisco. A certa altura, foi repreendido por outro prelado por estar na **janela do Papa**, aquela na qual Sua Santidade se apresenta para a bênção *urbi et orbi*, e isto não se faz.

Falando sobre a informalidade, disse que estava celebrando a missa e uma criança não parava de fazer estripulias. A mãe preocupada não mais sabia o quê fazer com aquele diabinho correndo pra lá e pra cá. Como estava na primeira fila, interrompeu a celebração, desceu os degraus e calmamente tomou a criança nos braços colocando-a na cadeira, a seu lado. O menino arregalou os olhinhos espantados e ficou bem quietinho. No final da celebração se deu conta de que pusera a criança exatamente na cátedra exclusiva do bispo. E isto não se faz.

Aconteceu comigo, em Teerã, e não percebi.

Depois de transferido para a África deram-me conhecimento da gafe cometida. O engenheiro iraniano, chefe do escritório, havia solicitado minha remoção por comportamento inadequado. Eu tinha o hábito de chamar a secretária pelo primeiro nome, como se faz no Brasil, o que revelava desmedida intimidade pelos padrões locais. Assadi, quando escutava, advertia:

- Como? Zaltash, não! Hanum Zaltash! Que significa Senhora Zaltash.

Já pensou como ela se sentia constrangida em ter um estrangeiro tratando-a com a intimidade própria dos casais?

Estando em Madri para negociação com empresários, fomos convidados a sair para um jantar. Ao chegar ao restaurante, constatei que nossos anfitriões estavam de gravata. Raciocinei que a noite seria para relaxar. Seria claramente desnecessária a gravata. Mas eles são formais.

Em 1978, em Londres, saí para jantar com dois colegas de viagem. Os dois eram brancos, bem brancos. Um de ascendência inglesa e o outro de pais alemães. Assentados à mesa, fomos atendidos pelo *maitre*: não podemos servi-los. Solicitamos que se retirem, porque estão sem gravata. Inicialmente, pensei que a atitude pudesse ter sido racista. Mas, não. Era formalismo.

Estava com minha mulher em um hotel cinco estrelas, no Rio, para o carnaval no Sambódromo. Turistas e mais turistas. No domingo de carnaval, feijoada e show de passistas de Escola de Samba no restaurante do hotel. Lá estávamos de roupa carnavalesca. Mas o casal espanhol a nosso lado vestia-se formalmente. Já imaginou terno e gravata no domingo, ao meio dia, para um show de carnaval?

Quando fui morar em Yaundé, em Camarões, minha secretária convidou-me para uma festa de casamento de sua prima. É claro, a circunstância exigia um traje formal. Todos os camaronenses se esmeraram no vestir. Mas, por vaidade, não por formalismo. Fiquei muito impressionado com a informalidade africana. Parecia festa brasileira. Reinava a descontração, o riso aberto, a alegria incontida, o gesto desmedido, a mímica excessiva, como nos diz Gilberto Freyre, em Casa Grande, Senzala: “O indígena da América, caracteristicamente introvertido, e, portanto, de difícil adaptação. O negro, o tipo extrovertido, fácil, plástico, adaptável”.

Observem que na Inglaterra e nos Estados Unidos se diz: Mr. Foster, Mr. Obama...Na Alemanha se diz: Frau Gisela, Herr Stier, Mein Hern, Herr Professor, Herr Doctor, Professor Doktor... Na França, na Bélgica, se fala: Monsieur Maciel, Madame Deneuve...

Em Portugal se diz Senhor Engenheiro, Sr. Doutor, Sra. Manuela... E ai daquele que não seguir essas formalidades!

No Brasil, falamos: ô Zé Maria, ô Rosa. E usamos o pronome na terceira pessoa: você.

Recentemente, fui à fazenda para o meu trabalho de rotina e verifiquei que todos os meus funcionários tinham apelidos. Eles apelidaram uns aos outros espontaneamente. Tive um professor que tinha 8 filhos e todos tinham apelidos inventados pelo pai.

Veja essa que interessante: meu sogro chamava-se Geraldo Tavares Simões e tinha apelido de Nonô. O Presidente Juscelino Kubitscheck também tinha o mesmo apelido. Quando os dois se encontravam se tratavam por xará.

Com certeza, este traço da cultura brasileira não foi herdado de Portugal. Nem é indígena.

## **A ALEGRIA INCONTIDA, A EXTROVERSÃO**

Em 1986 passei o fim-de-ano em Genebra a convite de um amigo, colega de trabalho. Fomos à festa de *réveillon* promovida por brasileiros, com feijoada e tudo. Tentei inutilmente conversar com um suíço, a meu lado. Ele estava de terno e gravata, totalmente diferente de todos os brasileiros presentes. Respondeu-me educadamente. E a festa era fria, triste, entediante para nossos padrões.

Na Europa, o gesto é medido, o riso é contido, avaliado, refletido, pensado, antes da gargalhada. No Brasil e na África solta-se a gargalhada, o riso solto e o gesto excessivo acompanhado de escandalosa mímica. Somente depois se avalia o estrago causado no ambiente. Em Mãe África, escrevi: “Da cultura negra, não da raça, herdamos o gosto pelas festas, pela música; daí o carnaval. Herdamos o descompromisso, a impontualidade, o gesto excessivo, a espontaneidade, a extroversão, o riso fácil”.

## **A NOSSA LÍNGUA PORTUGUESA**

Refiro-me ao português falado no Brasil. Você já avaliou as diferenças do português lusitano?

- Por que o português brasileiro é tão diferente do de Portugal?

Em Minas, toda criança rica teve uma mãe preta, uma babá de cor.

Essa mãe preta nos ensinou a dar os primeiros passos, a comer, a falar, mas era analfabeta. A escola sempre foi proibida à população escrava, pois, quem estuda, escravo deixa de ser. Desta forma, nossa maneira de falar e nosso sotaque é o da mãe negra, iletrada, daí o português brasileiro ter sotaque diferente, estrutura da frase diferente, com utilização do gerúndio e da próclise. Ou seja, nosso português é todo atrapalhado.

Em 1700, em São Paulo, as crianças brincavam na rua em língua tupi-guarani. O tupi dominava toda a costa brasileira, de São Paulo ao Nordeste. Era uma língua muito importante. Mas o escravo africano<sup>2</sup> optou pela língua do Senhor. Adotou o português e o tupi foi esquecido. Desta forma, o africano foi decisivo na escolha do português como língua falada no Brasil. É claro, um português todo errado, porque o negro era analfabeto.

Algumas cidades brasileiras usam o X ao invés do S, como em Lisboa. É o caso do Rio.

O texto que vem logo abaixo complementa as palavras acima.

## **A HUMILDADE, A SUBSERVIÊNCIA**

Somos um povo humilde e subserviente. Aceitamos os corruptos, os tiranos, a injustiça. Herdamos este traço da escrava que nos educou.

Veja bem.

Em Portugal se diz:

- Faça-me!! Diga-me! Ao invés de “me faz”, “me diz”.

O “faça-me”, o “diga-me” é impositivo, imperativo, próprio do senhor. O “me faz”, “me diz” é humilde, tem caráter de pedido, quase súplica, como o caráter da própria escrava que o ensinou ao filho do patrão. Note que a forma verbal usada no Brasil é errada, pois usamos o verbo na terceira pessoa e não na segunda, como em Portugal.

Temos um traço de humildade na fala brasileira. E somos um povo muito mais humilde do que qualquer povo europeu. Este traço de humildade no falar é apenas um reflexo do caráter subserviente.

Veja este trecho que escrevi há algum tempo:

“Herdamos da cultura negra a subserviência aos poderosos. O africano foi o único povo do planeta que se submeteu à escravidão por tão longo período e de forma tão numerosa. Deixou-nos a submissão e a incapacidade de exigir um comportamento

---

<sup>2</sup> Os escravos falavam numerosas línguas africanas e tinham dificuldade de se entenderem em língua de origem.

mais ético dos poderosos. O grande poeta mineiro, Carlos Drummond de Andrade, retrata este traço cultural em “Confidência do Itabirano”<sup>3</sup>:

“o hábito de sofrer, que tanto me diverte, é doce herança itabirana.

De Itabira trouxe prendas diversas que ora te ofereço: esta pedra de ferro, futuro aço do Brasil, este São Benedito do velho santeiro Alfredo Duval; este couro de anta, estendido no sofá da sala de visitas; este orgulho, esta cabeça baixa” ...

Nosso povo é humilde, pobre e de prazeres singelos: “uma pedra de ferro”, um São Benedito” que evoca um velho santeiro, “um couro de anta no sofá da sala de visitas”; pratica-se “o hábito de sofrer” ... “de cabeça baixa”, doce herança do escravo que habitou entre nós, por tão longo tempo.

Os africanos da atualidade não são tão humildes. Mas o escravo que veio para o Brasil era das classes menos favorecidas. Muitas vezes, escravo já era milenarmente.

- Desculpe qualquer coisa! - diz o garçom, ao final do atendimento.

Esta frase ouvida com frequência denuncia a nossa humildade. Ele poderia simplesmente dizer: muito obrigado! Voltem sempre. Afinal, não é necessário pedir desculpas, sobretudo sem ter percebido qualquer erro cometido.

Aqui, no Norte de Minas, quando chego à fazenda, as crianças estendem a mãozinha, uma após outra:

-Benção!

É costume os mais velhos abençoarem os miúdos. E eles fazem questão de exibir esse caráter humilde.

## **A IMPONTUALIDADE**

Na África Central o tempo não conduz as ações humanas<sup>4</sup>. “É indiferente fazer hoje ou amanhã. Importante é ter satisfação no presente. Afinal, não foi o relógio quem inventou o homem, mas o contrário. O tempo tem um valor cultural simbólico, traduzido pela maneira na qual ele é vivido e sentido. A ação é lenta, quase parando. Não há pressa. As decisões são deixadas para amanhã. A impontualidade domina. Na República Centro-africana, os fatos se desenrolam com maior lentidão ainda. Desta

---

<sup>3</sup> Andrade, Carlos Drummond de, Antologia Poética, 12ª edição, Rio de Janeiro: José Olympio, 1978, pp. 36 e 37

<sup>4</sup> Freitas, Fidencio Maciel, Mãe Africa, Belo Horizonte, 2002, Memória Gráfica, [www.africamae.com.br](http://www.africamae.com.br), p. 252



forma, tudo atrasa: o ônibus, os pagamentos, os salários, as contas de água, de luz, de telefone, as decisões, os jantares, as obras, os relatórios, os aviões...”

“A minha primeira conta telefônica atrasou onze meses. Agora, está em dia, isto é, atrasada dois meses, apenas. A conta de luz também está em dia, ou seja, tem dois meses de atraso. A de água me deu trabalho, pois o atraso era de um ano: escrevi carta, discuti, protestei e briguei para pagar.”

Contrariamente, na sociedade ocidental os minutos são contados e medidos e o homem é escravo do relógio. Tempo é dinheiro. No Brasil, o tempo conduz as ações humanas em grande parte da população. Mas, somos impontuais.

## **O DESCOMPROMISSO, A DESCONCENTRAÇÃO NO TRABALHO, A FALTA DE DISCIPLINA**

Quando comecei minha vida profissional, em 1970, trabalhei orientado por uma equipe alemã. Você já viu como eles se comportam no ambiente de trabalho? Eles se concentram seriamente, evitam conversas paralelas, seguem rigidamente os horários e pensam em qualidade e produtividade. Nós herdamos da África, uns mais outros menos, a descontração, as brincadeiras que se fazem no ambiente de trabalho, a flexibilização nos horários e uma despreocupação, um certo distanciamento do trabalho em si. Trabalhamos contando piadas, comentando as festas do último sábado, descontraídos. Tem-se a impressão de que o serviço não vai sair nunca. Uma brincadeira, uma piadinha, um biscoito, um docinho, tudo isso misturado com assuntos técnicos de elevada importância. Será que atingiremos a qualidade germânica? A disciplina, com certeza, jamais teremos.

## **AVERSÃO À AÇÃO PLANEJADA**

Vocês já notaram que não temos ministro do planejamento?

Temos, sim, um ministro que elabora o orçamento do próximo ano. Mas isto é programação, erroneamente chamado de Planejamento.

No passado já tivemos alguns luminares que elaboraram um planejamento estratégico, na época, conhecido como PLANO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO.

Foi no governo militar, estrategista. Na época cultuava-se a disciplina, a ação planejada. E como resultado desta ação, foi criada a EMBRAPA em 1973. Hoje, a EMPRAPA possui 46 centros de pesquisa espalhados por todo o território nacional. Cada centro possui de 80 a 120 pesquisadores, 65 % dos quais com doutorado. E devido a este planejamento elaborado no governo militar, que o povo já esqueceu, o BRASIL possui um respeitável agronegócio que movimenta 1/3 do PIB. O país é reconhecido internacionalmente como um grande celeiro porque a EMBRAPA desenvolveu as sementes e a tecnologia agrícola para o clima tropical. Quando nasci o

cerrado era improdutivo, embora com dois milhões de quilômetros quadrados. Meu pai dizia que não valia o imposto territorial. A soja era apenas uma semente asiática que não produzia nos trópicos. Exatamente o contrário do que se vê agora.

Não fosse esta ação planejada nos anos setenta o país estaria em situação muito difícil. Mas, depois do Reis Veloso, não mais tivemos ministro do planejamento. Temos um programador do orçamento do ano vindouro.

Veja esse fato: neste 2014 faltou água potável em São Paulo.

- Por quê?

Por falta de ação planejada, a cidade cresceu desmedidamente. Observe que não há nenhuma política estruturada para deter o desenfreado crescimento urbano. Desta forma, investe-se em infraestrutura eternamente. Quanto mais se investe, mais a cidade cresce e pior fica. Observe que nesta região chove copiosamente. E falta água.

A ação governamental à qual nos acostumamos se move como o voo do besouro: corpo muito grande, asas pequenas; levanta voo dando trombadas na mesa, na cadeira, na parede, cai, levanta, sai dando cabeçadas e voa com a mesma ineficiência de nossa política sem rumo, guiada por políticos semialfabetizados, verdadeiros besouros de muito corpo e pouca inteligência. Este texto de Mãe África mostra que os africanos também não acreditam na ação planejada:

“A vida é *imutável* herança dos antepassados, cheios de sabedoria e poder, nada podendo ser feito para construir o futuro”. Detesta-se a ação planejada, a disciplina, a transparência e o rigor exigidos pela boa administração”<sup>5</sup>

## **A CRENÇA NO IRRACIONAL INVISÍVEL**

- Você conhece esta lenda da África Central?<sup>6</sup>

A lenda do Evu

A crença no evu praticada pelos betis, bassás, dualás, fangs, bacocôs, banens e outros é justificada por uma lenda muito interessante. Diz-se que, no princípio, o evu habitava na selva, sem aborrecer o homem. Certa vez saiu o marido em viagem e recomendou à mulher que não fosse à floresta. Mas, assim que o companheiro se afastou ela se embrenhou na mata. Em determinado lugar encontrou muita caça já abatida. Era carne como nunca tinha visto: veados, tatus, crocodilos... Como ela quisesse um pouco desse alimento, chamou pelo caçador para pedir-lhe uma parte. Mas ninguém apareceu. Após muito chamar apareceu o evu, que se disse proprietário de tudo e lhe deu carne em quantidade. Ela ficou muito feliz e o convidou à sua casa.

<sup>5</sup> Freitas, Fidencio Maciel, Mãe África, op. cit., p.257

<sup>6</sup> Freitas, Fidencio Maciel, Mãe África, op. cit., p.133

Ele foi e não mais saiu. Um dia ele pediu uma galinha: a mulher matou a galinha e ele a comeu. Outro dia ele exigiu uma cabra: ela matou a cabra e ele a comeu. Quando já tinha comido todos os animais domésticos, reclamou carne humana e o filho da mulher morreu imediatamente, sem que ninguém o tivesse tocado. No dia seguinte, o *evu* pediu uma menina e a garotinha morreu em seguida. Quando o homem chegou, a mulher lhe contou sobre o *evu*, que tinha desaparecido. O homem lamentou a má sorte e repreendeu a companheira lembrando-lhe a proibição de ir à floresta. Mas o malfeito já tinha acontecido e o *evu* trouxe o infortúnio: com a chegada do homem ele entrou pela vagina e se instalou no ventre da mulher, sob a forma de um pequenino réptil, para nunca mais sair. Assim, a mulher desobediente o transmitiu aos descendentes, sendo ele responsável por todas as mazelas humanas.

Todos os povos da África Central acreditam na existência de um ser supremo e o elo de ligação do homem com este ser é o antepassado: o pai, o avô e os que o antecederam. E o quê é o antepassado? Nem todos os falecidos têm esse status. É necessário que a pessoa tenha tido filhos e que tenha sido admirada e amada pelos descendentes. Assim, um suicida não pode merecer esta honra. Nem alguém que não tenha sido bom para filhos e amigos. É o amor, a prole e a liderança que elevam o nível do indivíduo. Se possível, que tenha sido sábio e bondoso. É desejável que tenha falecido por velhice, pois a existência de doença grave denuncia fraqueza, ausência de proteção dos ancestrais. A riqueza não tem muito valor, pois é vista como um acidente na vida da pessoa. Desta crença nasceu o culto aos antepassados. São eles que intercedem pelos vivos junto ao Criador. São eles que protegem os descendentes na luta do dia-a-dia.

Mas existem os espíritos do mal, que, embora criados pelo Ser Supremo, vêm prejudicar os vivos.

Entre os betis este espírito do mal é personificado pelo *evu* que mora no ventre das pessoas. É uma espécie de réptil, que não se vê, mas que tem boca e dentes, e que é responsável pelos males humanos. Assim, o “médico” tradicional ao tratar dos doentes, primeiro, trata do *evu*, que certamente está de mau-humor e judia do ser que o carrega. Desta forma, a doença possui uma causa invisível representada pelo *evu* existente no ventre do indivíduo. Mas este ser pequenino é também responsável por certas características do homem fazendo com que o seu portador seja rico ou pobre, manso ou violento, obediente ou rebelde, bom ou mau, chefe ou escravo, assassino ou

santo. A vida depende dele, de seu caráter, de seu humor e da boa proteção dos ancestrais. Acredita-se que um homem possa fazer mal a outro. Para isto existe o feiticeiro, que possui um *evu* especial <sup>7</sup> com poderes mágicos para o bem e para mal podendo exercê-los sob encomenda mediante remuneração. Há os que só fazem o bem e os que se ocupam do mal. Existe grande distinção entre eles: aqueles são amados; esses inspiram temor. Neste ambiente mental há toda sorte de amuletos protetores e de fetiches destruidores que podem salvar ou matar o indivíduo. A crença no poder ancestral por intermédio dos feiticeiros é generalizada na África negra. Já a crença no *evu* é circunscrita aos betis, bassás, dualás, fangs, bacocôs, banens e está desaparecendo aos poucos, à força dos argumentos científicos, cada vez mais difundidos.

A crença nos Orixás se restringe ao Benin, não existindo em outras partes do continente.

E agora, caro leitor, é muito fácil afirmar que a crença no irracional invisível seja uma herança africana, não é mesmo?

Mas não é bem assim. Há o lado do homem branco.

O cristianismo entrou na África no fim do século XIX, com o início da colonização europeia. A crença do poderoso colonizador tem tido muito sucesso porque o africano se encanta e se delicia com a parte mágica da religião cristã. A Bíblia é recheada de fatos milagrosos, espetaculares, confirmando a crença no irracional invisível. <sup>8</sup>

“A promessa de vida eterna, de salvação da alma, a igualdade entre opressores e oprimidos, a história de Jesus, ao mesmo tempo espetacular e pungente, a riquíssima liturgia da Igreja, mais os paramentos sacerdotais de cores vivas e variadas, atraem e prendem a população local. O cristianismo é mágico. A Bíblia possui estórias fantásticas que encantam o africano. A começar pela de Adão e Eva, tentados pelo espírito do mal, encarnado em serpente. Depois, vem Noé, salvo espetacularmente do dilúvio que cobriu toda a terra. A estória de Moisés que lançou as dez pragas ao Egito, chegando a transformar uma cobra em cajado; a fuga

---

<sup>7</sup> LABURTHE-TOLRA, Philippe, *Iniciations et Sociétés Secrètes au Cameroun*, edição Karthala, 1985, Paris, pp. 114 e 169.

<sup>8</sup> Freitas, Fidencio Maciel, *Mãe África*, op. cit., p.138

espetacular dos hebreus atravessando a vau o Mar Vermelho; o maná que caiu do céu, no deserto do Sinai; as muralhas de Jericó, que desmoronaram ao som das trombetas de Josué; a estória de Sansão, que tinha a força nos cabelos e que foi capaz de destruir um templo; a estória de Davi, que, pequeno e fraco, matou o gigante Golias com uma pedrada; e, no Novo Testamento, os milagres de Jesus e a sua ressurreição; estas, e muitas outras, são passagens bíblicas que reforçam a crença na magia, no milagre, fazendo com que a África cristã se torne ainda mais feiticeira do que é. Dizem os camaroneses que Jesus foi o maior de todos os magos, pois foi o único que ressuscitou. E, na cerimônia católica, como num ritual de encantamento, o celebrante transforma pão em carne e vinho em sangue. “

E agora, caro leitor, percebeu que o pecado da desobediência feminina narrado no texto bíblico se repete na crença no evu? Impressiona-me a semelhança.

Como a religião cristã era obrigatória na época colonial, as crenças africanas foram sufocadas para renascer em centenas de santos católicos que operam numerosos milagres diariamente na vida dos brasileiros.

- Fulano se internou no hospital praticamente morto. Mas sarou e está vendendo saúde: foi um milagre!

O médico com todo o seu saber é relegado a um plano inferior sendo substituído por um santo.

- Você viu o desastre? O carro virou sucata. Mas, por milagre, todos se salvaram.

Faça uma experiência: enumere as dezenas de santos populares e seus poderes milagrosos.

É muito fácil dizer que os africanos acreditam no irracional invisível, não é mesmo? Só os africanos?

Também os indígenas brasileiros são cheios de credices.

Mas, na África Central a Associação dos Médicos Tradicionais<sup>9</sup>, ou seja, dos que não usam métodos científicos e se apoiam nas credices, é mais forte do que a Associação Médica, que pratica a desacreditada medicina de branco. Quando o paciente vem a

---

<sup>9</sup> Freitas, Fidencio Maciel, Mãe África, op. Cit., p. 43

óbito, nunca a doença é a *causa mortis*. Há sempre uma explicação local: foi feitiço, encosto, praga, mau-olhado, falta de proteção dos ancestrais. Se a morte é por acidente ou por assassinato as explicações são as mesmas.

## **POSTURA CONTRADITÓRIA, OSCILANTE, FLEXÍVEL**

Há uma característica da personalidade do brasileiro que pode facilmente ser observada no comportamento de nossos parlamentares. Muitas vezes uma bancada fecha questão e todos prometem votar a favor de determinado projeto. Mas, na hora de votar, muitos mudam de opinião embora tenham prometido o voto em determinada proposição. Seria esta característica uma herança africana? Ou portuguesa? Ou indígena?

Interessante notar que esta forma volúvel e contraditória de se comportar não é herdada da África, nem da Europa, muito menos indígena. Mas é fruto da mistura de valores contraditórios.

Se o europeu é pontual e o africano impontual, o mestiço será pontual e impontual, dependendo da circunstância. O comportamento do brasileiro é vacilante.

Encontramos pessoas de formação erudita, rigorosamente lógicas, que se apoiam em credices animistas, dependendo da circunstância, como se africanos ou indígenas fossem. Muitos valores herdados são contraditórios e não aceitam o meio termo. Não é possível ser extrovertido e introvertido; formal e informal; pontual e impontual ao mesmo tempo. São valores contraditórios. O brasileiro carrega dentro de si esta contradição. Por isso temos uma personalidade instável, sem firmeza de valores. O General Charles de Gaulle, ex-presidente da França, chegou a dizer que não somos sérios. A miscigenação de valores contraditórios produziu uma cultura vacilante, sem firmeza. Nossos políticos trocam de partido ao sabor das conveniências momentâneas. Não há firmeza nas posições políticas, ideológicas ou éticas. Acredito que parte desta volubilidade se deve também ao alto nível de analfabetismo de eleitores e parlamentares.

Por outro lado, como exemplo de extrema rigidez podemos citar dois povos mundialmente conhecidos pela guerra de valores e infundáveis conflitos: árabes e judeus.

Em janeiro de 2015, terroristas islâmicos invadiram o jornal parisiense Charlie Hebdo e assassinaram famosos chargistas e diretores do mesmo. Os franceses aproveitaram o episódio e fizeram uma espetacular mobilização contra o terrorismo e a intolerância religiosa. No mundo inteiro a imprensa foi mobilizada mostrando a absoluta necessidade da liberdade de imprensa e a imperiosa intolerância dos extremistas islâmicos. Os assassinados foram entronizados como deuses da liberdade e os terroristas demonizados. Para coroar esse episódio o jornal lesado lançou uma espetacular edição, cinquenta vezes superior à tiragem habitual. Novamente uma charge do Profeta Maomé foi estampada na primeira página, provocando novos protestos do mundo islâmico. Provavelmente outros atentados acontecerão.

Impressiona-me a rigidez de valores das duas culturas envolvidas, algo que jamais aconteceria no Brasil. A rigidez, a inflexibilidade, a intolerância não fazem parte da índole brasileira.

A imprensa francesa, que se considera mãe da liberdade de expressão, não distingue ofensa de crítica. Desconhece o respeito às religiões e às coisas sagradas demonstrando uma arrogância sem limites. Os povos islâmicos tanto respeitam o Profeta que não existe uma única figura ou imagem que o represente em nenhuma mesquita do mundo. Mas os chargistas franceses sempre se julgaram no direito de abusar de tudo e inclusive de ofender às religiões. A isto chamam de liberdade de expressão. Novamente fizeram uma charge com a figura do Profeta. E agora?

Gandhi, o Manhatma, dizia que todas as religiões são verdadeiras. E a todas respeitava igualmente.

Trabalhei durante anos no exterior, em empresas brasileiras de construção civil. O trabalhador brasileiro faz enorme sucesso em qualquer cultura por ser muito flexível, conseguindo se adaptar com facilidade e superar dificuldades imensas. Em Mãe África relato casos de superação de dificuldades praticamente intransponíveis por outros povos, mais rígidos, mais seguros de seus valores. Nós somos oscilantes, frutos de valores contraditórios, e, por isso, muito flexíveis.

## O GOSTO PELAS FESTAS

Em Mãe África, escrevi (p. 254)

“Muitas sociedades se organizam em torno da guerra, como a sociedade alemã, na década de trinta, apenas para citar um exemplo. Outras se

organizam em função da religião. Outras, em função do trabalho. Outras em torno das festas. O carnaval carioca é exemplo disso. Em Camarões, festeja-se tudo: casamento, batizado, formatura, visitas, datas cívicas, comícios, eleições, vitórias esportivas, dias santos de todas as religiões. Feriado no domingo não vale: comemora-se na segunda, pois domingo já é feriado. Muita dança, bebida e alegria. Acho que muitos povos do mundo jamais viram uma festa tão alegre quanto às camaronenses. (...) A alegria dos locais é resplandecente, espontânea, expressiva, incontida. Os europeus, sobretudo os alemães e os ingleses, são tolhidos, tendo perdido aquela espontaneidade da gente simples. No Brasil, o baiano do Recôncavo talvez seja o mais espontâneo. É também o mais africano. Etounga - Manguelle<sup>10</sup> diz que apenas duas culturas africanas são organizadas em torno do trabalho: a bamilekê, de Camarões, e a cambá, do Kênia. Não é por acaso que os bamilekês são ricos. As outras nações tribais justificam este fato afirmando que eles têm dinheiro porque “vendem” os filhos em rituais de magia. Quanto aos cambás, não os conheço e deles nada posso dizer.”

Significa que a festa é grande motivo de viver. Assim, no trabalho da construção civil, não é motivador oferecer gratificação em dinheiro para acelerar o ritmo das obras. Uma grande festa por tarefa cumprida motiva muito mais. Aqui, no Norte de Minas, é semelhante. Basta oferecer um festão após a tarefa que não falta no eito mão-de-obra empenhada e alegre.

## A PREGUIÇA

Quando fui designado para a Camarões, meu pai me aconselhou: “leve um chicotão porque negro não trabalha, não!” Fiquei pensando...como pode ser tão preconceituoso?

Foi fácil descobrir a origem do preconceito.

Camarões tem 201 etnias bem identificadas e fala 201 línguas locais, ágrafas. Em meio a tanta diversidade cultural e linguística, destaca-se a etnia bamilekê muito laboriosa: representa 10% da população camaronesa e possui 90% da riqueza. São muito trabalhadores e grandes poupadores. Muito antes da implantação do sistema bancário, os bamilekês já possuíam a tontine<sup>11</sup>, tchua'ah, em língua bamilekê, que é

---

<sup>10</sup> Etounga-Manguelle, Daniel - L'Afrique a-t-elle Besoin d'un Programme d'Ajustement Culturel?, Editions Nouvelles du Sud, Ivry-sur-Seine, 1991., p. 54 a 73

<sup>11</sup> Freitas, Fidencio Maciel, Mãe África, op. cit. p. 113



um sistema de poupança e empréstimo largamente usado nesta nação, cujo território é comandado por quatro reis.

Morando em Yaundé, observei que os lotes urbanos mesmo no centro da cidade são muito cultivados. O costume local reza que a mulher é responsável pela alimentação da família, daí o aproveitamento do solo agricultável pela população feminina, como a gente não percebe no Brasil. Facilmente concluí que a mulher trabalha muito e o homem enrola o tempo fingindo dispendir grande esforço para ganhar a vida. Rodando pelos arredores de Yaundé vi umas cinco ou seis crianças andando na rua. Pareciam ser irmãos ou amiguinhos. Entre elas, uma se mostrava com uma imensa lata d'água na cabeça. Como era o mais franzino, a dimensão da lata na cabeça se destacava e eu perguntei ao motorista: porque o menorzinho carregava aquele peso? Ele respondeu sem pestanejar: porque é uma menina. Os outros são homens.

- Isso é trabalho de branco- dizem os camaronenses.

Trabalho de branco é aquele no qual se inicia na juventude para se aposentar na velhice, após 35, 40 anos no batente. Como dizem os africanos: “só os brancos são capazes de tamanha estupidez”. Meu motorista tinha um trato com os irmãos: enquanto uns trabalhavam, outros folgavam. Desta forma poderia trabalhar por alguns anos e ter um longo período de descanso, já que um irmão trabalhava pelo outro.

Mas, é injusto afirmar que os africanos trabalham pouco. As mulheres garantem a alimentação familiar e trabalham muito desde tenra idade. É verdade que os homens de algumas tribos também trabalham muito, como os bamilekês que são donos de bancos, fábricas de cigarro, de cerveja e educam filhos na Europa. Mas, de um modo geral, a preguiça predomina em vastos territórios. Até oficializada na lei: se o feriado cai no domingo, folga-se na segunda, porque domingo já é feriado.

- Quer dizer que a preguiça brasileira é de origem africana?

- Calma lá! Não é bem assim.

“A enxada é que não se firmou nunca na mão do índio nem na do mameluco”<sup>12</sup>, diz Gilberto Freyre em Casa Grande, Senzala. Na realidade, nossos ancestrais silvícolas ainda não tinham descoberto a agricultura como fonte de subsistência. O máximo que faziam era uma pequena plantação de mandioca. Viviam do extrativismo, da caça e da pesca não conhecendo a atividade laboral. Por outro lado, nossos irmãos portugueses

---

<sup>12</sup> Hollanda, Sérgio Buarque de, Raízes do Brasil, José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1991, p. 10.

eram mais batalhadores mas tinham enorme preconceito: não realizavam trabalho braçal. Quem assim procedesse não podia exercer cargos públicos. Eram exigidos atestado de limpeza de sangue e de bons costumes. Este deveria rezar que nem pais nem avós maternos e paternos haviam exercido trabalho manual que era indigno às famílias dominantes. Esta exigência de limpeza de sangue e de pertencer a família de elevado nível social foi abolida pelo Marquês de Pombal<sup>13</sup>, primeiro-ministro português de 1750 a 1777, pois não havia como preencher os cargos não fossem usados mestiços. A exigência de limpeza de sangue caiu mas o preconceito ficou.

Como resultado, temos um país no qual uma parte da população trabalha muito enquanto a outra espreguiça. As regiões que receberam, no século XIX e XX, imigrantes italianos, alemães, japoneses e outros são muito laboriosas e formaram o Brasil que produz.

O primeiro navio negreiro chegou a Recife em 1548. Salvador recebeu o iorubá, do Benin, de grande religiosidade, que nos trouxe o candomblé, a religião dos orixás, cujo sincretismo com o catolicismo nos deu a umbanda. O Rio de Janeiro recebeu africanos de numerosas etnias, tendo prevalecido congolezes bantus, especializados no canto, na percussão e nas danças.

A partir de 1700, com grande experiência escravocrata, os portugueses passaram a importar o negro mina, especialista em mineração aurífera, oriundo das minas de Gana, país de longa tradição na extração aurífera para realizar o mesmo trabalho em Minas Gerais. É fácil concluir que mineiros, baianos do recôncavo e cariocas espelham culturas muito diferentes. O povo de Salvador é muito religioso, o carioca é sambista e o mineiro é circunspecto, pai da mineiridade, que não é portuguesa nem indígena. Na Bahia, o descompromisso, a religiosidade, as obrigações com o santo. Todo dia parece feriado. No Rio, o carnaval o ano inteirinho, a cidade do samba, a alegria, o compromisso inadiável com as festas. Em Minas, mais circunspeção, um certo distanciamento que parece tristeza, uma sensibilidade profunda e mais sutil. Menos preguiça? Não sei bem. Mas, com certeza, mais subserviência e humildade.

Agora como estou com preguiça, vou ficando por aqui.

Fidencio Maciel,  
São João Del Rei, 01.01.2015

**FIM**

---

<sup>13</sup> Kenneth Maxwell, A devassa da Devassa, Editora Paz & Terra, 1978, Rio de Janeiro, p. 31. "Moio, branco, índio, mulato ou mestiço, tudo serve, todos são homens, são bons se os governam ou regulam bem e proporcionadamente ao seu intento"